

Líderes embolam meio-de-campo

O presidente Fernando Henrique Cardoso não está muito longe da verdade quando compara o Congresso a um terreiro de briga de gallo, apesar da irritação que a declaração provocou na sua base de sustentação. As relações de bastidores entre as dúzias de caciques governistas mostram cada um querendo cantar mais alto, com resultados muitas vezes desastrosos no plenário e nas comissões. Se para efeito externo, os líderes aliados procuram dar a idéia de que atuam em equipe, reservadamente é um festival de acusações mútuas. Nas poucas vitórias todos surgem como mentores do trabalho. Nas muitas derrotas, todos querem dividir a responsabilidade. "Filho feio não tem pai", observa um líder da oposição.

As derrotas nas votações estão vinculadas aos problemas de articulação interna entre as lideranças, reconhece o líder do PMDB na Câmara, Michel Temer. "No plenário há sempre uma surpersa", disse ele. Uma delas foi a apreciação do projeto governista que reajusta o salário mínimo para R\$ 100,00 e altera regras da Previdência Social. O líder do Governo na Câmara, Luiz Carlos Santos pediu urgência-urgentíssima para votação de proposta. Diante das pressões contrárias do plenário cheio, o líder do PFL, deputado Inocêncio Oliveira, na tentativa de marcar um ponto, pediu o desmembramento do projeto, com votação somente do reajuste salarial. Inocêncio queria faturar para o Governo a elevação do mínimo, mas não combinou com os aliados. "Eu pensei rápido", justificou depois. Só não houve uma derrota do Governo, porque o líder do

PSDB, deputado José Aníbal, retirou a proposta da pauta.

Desacerto — Se José Aníbal marcou ponto na questão do salário mínimo, perdeu outro na derrubada do veto presidencial ao reajuste das dívidas agrícolas. Cabia a ele querer a retirada deste item da pauta, mas pressionado pela bancada ruralista, não fez o pedido. Assesores do PSDB justificam a atitude do líder dizendo que ele recebera a informação de Luiz Carlos Santos de que havia um acordo com o Governo e a questão poderia ser votada. Um vice-líder do PSDB reclama que Santos saiu de plenário na hora da votação, deixando a batata quente nas mãos de Aníbal e do líder governista no Congresso, Germano Rigotto.

Líderes com maior tempo do mandato atribuem o tropeço à inexperience de Aníbal — iniciando seu segundo mandato. Já o PSDB critica a ineficiência de Luiz Carlos Santos. Os tucanos chegam a dizer que ele só não deixa a liderança do Governo nesse momento para não criar mais um problema político para o Presidente. Para contornar as deficiências, a liderança receberá reforços de assessores especializados.

Reunião — O líder do PMDB, Michel Temer, propôs a realização de reunião a cada início de semana para discutir e definir a atuação dos aliados no plenário e nas comissões. O presidente da Câmara, Luis Eduardo Magalhães, que acabou com o colégio de líderes, deve acatar a idéia de discutir a pauta pelo menos com as lideranças dos maiores partidos. A este grupo deve se integrar o líder Luiz Carlos Santos. (GF e LB)